

**ENVEREDANDO O SERTÃO OSWALDIANO: USOS DO  
PASSADO NO ENSAÍSMO ETNOGRÁFICO DE OSWALDO  
LAMARTINE DE FARIA (1961 – 1988)**

**ENTERING THE OSWALDIAN HINTERLAND: USES OF THE  
PAST IN THE ETHNOGRAPHIC ESSAYS OF OSWALDO  
LAMARTINE DE FARIA (1961 - 1988)**

Eduardo K. de MEDEIROS<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo aborda os usos do passado operados por Oswaldo Lamartine de Faria em seus ensaios etnográficos sobre o sertão do Seridó, publicados entre as décadas de 1960 e 1980. O sertanista encontra no modelo ensaístico um espaço estratégico onde articular, à sua maneira, experiências de vida e de escrita. O ensaísmo oswaldiano registra a etnografia de uma dominação, condicionando a existência do sertão do Seridó à permanência de uma memória elitista e conservadora.

**Palavras-chave:** Ensaio, Etnografia, Usos do passado, Oswaldo Lamartine de Faria.

**Abstract:** This article discusses the uses of the past operated by Oswaldo Lamartine de Faria in his ethnographic essays on the hinterland of the Seridó, published between the 1960s and 1980s. The sertanist finds in the essay model a strategic space where to articulate, in his own way, experiences of life and writing. Oswaldian essayism registers the ethnography of a domination, conditioning the existence of the hinterland of the Seridó to the permanence of an elitist and conservative memory.

**Keywords:** Essay, Ethnography, Uses of the past, Oswaldo Lamartine de Faria.

### *Introdução*

Sentado em sua biblioteca, esquecendo sob os pés os “chãos elevados de cimento, brita e aço” de seu apartamento no Rio de Janeiro/RJ (FARIA, 2012, colofão), uma figura nostálgica vê desenhar-se mais uma vez na folha em branco pousada sobre a mesa a miragem de uma paisagem sob cores feitas de saudades, é o *seu* sertão do Seridó.

Oswaldo Lamartine de Faria (15 de novembro de 1919 – 28 de março de 2007) nasceu em Natal/RN, capital norte-rio-grandense situada no Litoral potiguar. Àquela altura, seu pai era um jovem e promissor político,<sup>1</sup> representante da oligarquia algodoeira-pecuarista do Seridó, esta mesorregião central do Rio Grande do Norte,<sup>2</sup> que Oswaldo visitará com frequência em sua infância, pelo menos até 1930, antes dos velhos alicerces da jovem República desabarem sobre seu lar. Em relação àqueles anos “antes de trinta”, exercitará suas memórias mais idílicas.

---

<sup>1</sup>Mestre em História dos sertões pelo Programa de Pós-Graduação em História, do Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CERES/UFRN).

O exílio do pai em Paris (França), até 1933, também afastará o garoto do lar, pois será enviado para estudar em colégios internos no Recife/PE e no Rio de Janeiro/RJ. Entre 1938 e 1940, passará por formação técnica em Agronomia, na Escola Superior de Agricultura de Lavras (ESAL), em Lavras/MG, para onde iam “vários filhos de cotonicultores mais afortunados” (MACÊDO, 2012, p. 202). E só após concluir seus estudos voltaria a residir no Rio Grande do Norte, para administrar a grande propriedade de seu pai, a Fazenda Lagoa Nova, situada na região Agreste, uma mesorregião entre o Litoral e o Seridó. Esta experiência lhe possibilitará travar contato com homens seridoenses mestres em ofícios artesanais contratados para trabalhar naquela fazenda e outros velhos sertanejos que visitavam o seu pai e compartilhavam suas memórias nas conversas de alpendre.

Durante a década de 1940, além de administrar a fazenda do pai, Oswaldo Lamartine atuará como professor dos filhos das elites agropecuárias do estado, na Escola Doméstica de Natal e na Escola Prática de Agricultura, em Macaíba/RN; atuará diretamente na representação da classe produtora agrícola como secretário da Federação Rural do Rio Grande do Norte (1948-1949); e orientará a produção agropecuarista como colaborador nos periódicos *A República* (Natal/RN, 1945), *Diário de Natal* (Natal/RN, 1948-1949) e *Diário de Pernambuco* (Recife/PE, 1948). Na primeira metade da década de 1950, vai assumir, por indicação política, a gestão das Colônias Agrícolas em Barra do Corda/MA e em Pium (Natal/RN), antes de se tornar, em 1955, funcionário do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), na agência de Fortaleza/CE, de onde será transferido, em 1957, para a agência do Rio de Janeiro/RJ, onde irá trabalhar como Assessor da Direção Geral do BNB, até a sua aposentadoria, em 1979.

Oswaldo Lamartine ainda viverá no Rio de Janeiro/RJ até o falecimento de sua segunda esposa, em 1996. Aos 77 anos de idade, já consagrado como escritor e pesquisador sertanista, voltará a viver na região Agreste, em um pedaço de terra que herdou da antiga fazenda do pai. Sendo que seus dois últimos anos de vida passará mesmo em um *flat*, em Natal/RN, sob cuidados médicos. No dia 28 de março de 2007, adorna o pescoço com a echarpe que havia sido de seu pai e disfire um tiro contra o peito, ceifando a própria vida.

A *fase ensaísta* da obra de Oswaldo Lamartine de Faria abarca o recorte entre 1961 e 1988,<sup>3</sup> período em que já se encontra residindo na capital carioca, onde encontrará as condições de produção para os estudos etnográficos que analisaremos neste artigo. O Rio de Janeiro/RJ é, naquele momento, o centro editorial da produção literária do país, e também possibilitará consultas a sebos, livrarias e bibliotecas à

procura de bibliografias que deem suporte aos seus estudos sobre os registros etnográficos que havia realizado durante a década de 1940, na fazenda do pai. Ainda, sua posição no BNB, além de lhe permitir acesso a boletins informativos e relatórios sobre culturas e indústrias econômicas na região Nordeste, também lhe proporcionará o contato com diversos canais de publicação, uma vez que era também responsável pelas publicações da instituição.

Seus ensaios tomarão como objetos de estudo aspectos culturais da vida rural, especialmente nos sertões, desenvolvendo com maior fôlego alguns temas já tratados anteriormente em artigos de periódicos – como a caça e pesca –, e explorando outros referentes à apicultura, a bibliografia que circulava nos sertões, a conservação de alimentos, a açudagem, o curtume, a cutelaria e a heráldica. São eles: *A caça nos sertões do Seridó* (1961); *ABC da pescaria de açudes no Seridó* (1961); *Algumas abelhas dos sertões do Seridó* (1964); *Conservação de alimentos nos sertões do Seridó* (1965); *Encouramento e arreios do vaqueiro no Seridó* (1969); *Açudes dos sertões do Seridó* (1978); *Ferro de ribeiras do Rio Grande do Norte* (1984); *Seridó – século XIX: fazendas & livros* (1987); e *Apontamentos sobre a faca de ponta* (1988).

Apesar de Oswaldo Lamartine de Faria não ser um historiador profissional, e apesar desta produção que selecionamos manifestar a intenção primeira de realizar um registro etnográfico, o espaço ensaístico o permite fazer usos da história e elaborar ele próprio narrativas que constroem determinadas representações do passado. Portanto, o que este artigo pretende é discutir sobre os *usos do passado* empregados pelo sertanista em seus ensaios etnográficos acerca do sertão do Seridó, realizados entre as décadas de 1960 e 1980. Afinal, em um período em que não havia uma produção historiográfica que tomava aquele recorte espacial como objeto, esta obra, que não é propriamente o trabalho de uma história profissional mas que guarda alguma relação com a história, foi tomada, ela própria, como história.<sup>4</sup> A análise aqui realizada sobre o discurso oswaldiano em torno do sertão do Seridó, abordará, em um primeiro momento, a relação do escritor com o tempo, para em seguida refletir as implicações desta relação em seu ensaísmo etnográfico.

#### *Uma experiência de tempo em crise*

Já em idade madura, e na *fase automonumentalista* de sua escrita, Oswaldo Lamartine afirmará ser um candidato a “terminar em um museu” (CAMPOS, 2001, p. 30), sugerindo, com isso, a condição de um sujeito anacrônico, vivendo fora do tempo

que lhe é próprio, ou, como confidenciaria em correspondência a um amigo, “um louco que ainda não desencarnou do séc. XIX” (ROSADO, 1995, p. 50). A esta altura da vida, o escritor está dedicado a construir uma autoimagem de erudito ligado ao sertão do Seridó, esta espacialidade que, à imagem do criador, revelar-se-á também um espaço anacrônico. Assim, em seus ensaios, todos escritos no longo período em que residia no Rio de Janeiro/RJ, uma grande metrópole de vida acelerada e efervescente, Oswaldo Lamartine havia construído um *outro* espaço, estagnado no tempo. É em torno deste outro ausente que o escritor mobiliza sua escrita – como dirá Michel de Certeau, “a alteridade do real ressurgue na *ficção*” (2012, p. 185, grifo do autor).

O modo como Oswaldo Lamartine se relaciona com o tempo, quer dizer, o seu modo de ser no mundo, estrutura o seu modo de compreender a história. E o seu modo de se relacionar com o tempo expõe um sujeito que vive uma tensão entre aquilo que recebeu e concebeu como sendo o passado e a disponibilidade da história a ser feita. É neste sentido que enxergamos Oswaldo Lamartine como um *ser-afetado*-pelo-passado, para usar o termo proposto pelo filósofo Paul Ricoeur (2016, p. 376), um ser-afetado pelo passado que não fez, um ser cujo a consciência gravita em torno dos sentidos da tradição, buscando, no espaço de experiência do texto, (re)conciliar suas expectativas à determinadas memórias, intenção recorrentemente expressa em seus ensaios, como podemos perceber nesta passagem do ensaio sobre a heráldica dos ferros de marcar gado:

*O caixão da marca* do ferro da família com as *diferenças* acrescidas pelos seus descendentes formam o brasão queimado a ferro-em-brasa de uma heráldica que vem ainda dos começos daqueles sertões. Um mais caprichoso estudo que vá até as nascentes de alguns desses ferros de velhos currais de gado, aqui-acolá ainda vivos, desbotados ou se desbotando, é muito capaz de arremedar as árvores genealógicas daquela gente. É que mesmo sem regras escritas dizendo que tinham de ser assim ou assado, conseguiram varar os tempos e tem deles com bem uns duzentos anos. Mas se no incontinenti não cuidarem em assoprar as brasas dessa tradição, com um pouco mais, dela restarão apenas as frias cinzas de heranças esquecidas. O que é símbolo de sadio orgulho e maior respeito entre todos os povos pastores da terra, está em nossos sertões se delindo pelo descaso de muitos e também pela indiferença e ignorância dos governos que zarolhamente intimam em unificar os ferros com artigos de leis gerados no mundo mais distante dos currais, mandando encangar os velhos ferros de família a um “sistema de numeração progressiva ordem e progresso” [...]. E mais que entristece, envergonha constatar que o desmazelo do descaso está dando fim às raízes do nosso passado em troca do macaquear mazelas alheias. [...] E toda essa tradição parece que está sendo arredada das lembranças e varrida das casas como uma nódoa. A obrigação de mantê-la viva não é por soberba descabida e sim por respeito ao tempo que se foi, pois é com os cacos das coisas que se reconstitui um passado e se argamassa a história de um povo (FARIA, 2009, p. 39-40, grifos do autor).

Como se pode ver, diferentemente de como o sertanista concebe o passado do espaço sertanejo, acolhedor, especialmente ao período antes de 1930, quando no Seridó se vive o mundo do “patriarcado nascido e estrumado com a força dos currais e escorado depois com dinheiro de algodão” (FARIA, 2014, p. 17), o presente e as expectativas futuras são marcados por uma afecção triste e envergonhada. É que, à luz de sua consciência histórica, ou seja, do modo como interpreta e se relaciona com o passado que recebeu, o sertão que se moderniza, deixa de ser aquele sertão que vivia sob o mando de seus avós – um sertão “encarnado no século XIX” –, para se tornar o sertão de um tempo de decadência política para a sua família, quando seu pai é escorraçado do poder e impedido na política. O tempo da modernização do sertão, “das eras de trinta pra cá” (FARIA, 2012, p. 40), como o mesmo costuma dizer, traz consigo o vexame familiar, a vergonha da derrota política. Em 1930, a história política e social confronta de modo marcante a biografia de Oswaldo Lamartine de Faria, e em seus ensaios, esta data será o marco a partir do qual o sertão deixa de ser um espaço de vitalidade e passa a ser visto como um espaço em vias de extinção.

É justamente a pressuposição desta condição de iminente extinção que justifica o seu projeto literário de escrever um sertão:

O melhoramento das raças, a divisão e subdivisão das propriedades, a pastagem artificial, a fenagem, a ensilagem, os concentrados, as instalações rurais e o melhor manejo do gado, fazem crer que a atual véstea dos nossos vaqueiros será, com o passar dos anos, modificada ou mesmo substituída, sobrevivendo aqui ou acolá, nas criações extensivas ou nas tradicionais festas das vaquejadas. Daí, a natural preocupação em descrevê-las, peça por peça, tim-tim por tim-tim, de modo a oferecer um figurino, o quanto possível exato e fiel, de como se enervaram os vaqueiros por todos os sertões do Seridó (FARIA, 2016b, p. 23).

Dessa forma, o Seridó narrado por Oswaldo Lamartine de Faria funda-se sobre *o topos* da tradição agônica, esse lugar comum de um espaço discursivo que se conforma por um conjunto de “objetos” materiais e imateriais cujos significados encontram-se ameaçados em sua sobrevivência, com um curto horizonte de expectativas.

Em seus ensaios e memórias, o velho sertão, que será visto com nostalgia, com o latente desejo de revivência, traz o anacronismo em seu significado, é um sertão que pertence a outro tempo, como denuncia o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior em sua proposta teórica e política de escrita dos sertões como espaço da plural contemporaneidade de experiências:

O sertão seria um espaço marcado por nele sobreviver restos de tempos outros, espaço definido por conceitos como os de arcaico, tradicional, costumeiro, rotineiro, intemporal. [...] estas imagens, estas dadas dizibilidade e visibilidade do sertão estão a serviço de dados interesses, foram elaboradas

e servem para atualizar e sustentar dadas relações de exploração, de dominação e de poder que precisam ser confrontadas e contestadas. Este sertão estagnado no tempo, este sertão incapaz de contemporaneidade não é somente um erro, um mito ou um desconhecimento, é uma arma, é um argumento, é um instrumento usado nas lutas sociais e políticas travadas no país, que visam preservar um dado arranjo de forças, reproduzir dados privilégios econômicos, políticos e sociais e repor dadas relações e hierarquias sociais, dentro e fora do espaço nomeado de sertão (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2014, p. 43).

Já o antropólogo Johannes Fabian abordará os usos do tempo como ato político, buscando demonstrar uma “política do tempo” inerente ao discurso antropológico ao construir seu objeto, o *outro*: “todo conhecimento etnográfico em particular que possamos ter adquirido é afetado pelas relações historicamente estabelecidas de poder e dominação entre a sociedade do antropólogo e aquela que ele estuda. Nesse sentido, todo conhecimento antropológico é de natureza política” (FABIAN, 2013, p. 64). A partir desse entendimento, Fabian focaliza o “tempo” como a categoria primordial na construção das relações entre o observador e seu objeto.

A questão epistemológica que Fabian busca discutir diz respeito a “se e como um corpo de conhecimento é validado ou invalidado pelo uso das categorizações temporais”; enquanto a tese que defende é a de que “é o Tempo naturalizado-espacializado que dá sentido (uma variedade de significados específicos) à distribuição da humanidade no espaço. [...] esse uso do Tempo quase invariavelmente é feito com o propósito de distanciar aqueles que são observados do Tempo do observador” (2013, p. 61). Johannes Fabian entenderá este gesto de negação da coetaneidade por parte do sujeito observador em relação aos sujeitos observados, como “*uma persistente e sistemática tendência em identificar o(s) referente(s) da antropologia em um Tempo que não o presente do produtor do discurso antropológico*” (2013, p. 67, grifos do autor). O antropólogo chamará esta atitude de alocronismo para marcar sua diferença ao anacronismo, que considera um “erro de sintonia com um determinado período de tempo”. O alocronismo são *mecanismos* (existenciais, retóricos, políticos), não um erro acidental (2013, p. 68, grifo do autor).

Assim, reforçamos teoricamente o investimento político da escrita sobre um sertão preso ao passado, algo que no discurso oswaldiano trata-se de uma regularidade, mais que uma constante recorrência, trata-se de um pressuposto que se pode observar desde os seus primeiros ensaios, como em *A caça nos sertões do Seridó* (1961):

Os bangalôs crescendo nas ruas sertanejas – ruas já calçadas de pedra e clareadas a eletricidade; barulhentas pela boca “estrangeira” do rádio. As estradas ganhando o chão das caatingas – zoando caminhões. Caminhão que carregava algodão e depois minério, agora também carregando “araras”. O

sertão crescendo e se descaracterizando, parecendo hoje ter vergonha de ontem... (FARIA, 2014, p. 17).

Para Oswaldo Lamartine, o sertão deve permanecer rústico e ruralizado. Este é um sertão de conversas em alpendres rurais, um sertão iluminado à luz de luar, lampião ou candeeiro, um sertão que se percorre a pés, em carroças de boi ou em burras-de-sela. O urbanismo, o transporte automotor, a tecnologia de comunicação eletrônica, são todos elementos “estrangeiros” ao sertão oswaldiano. Este sertão desaparece um pouco a cada manifestação de desenvolvimento; nele, crescer (desenvolver-se) é diminuir (quer dizer, “desertanizar-se”, entenda-se, desaparecer enquanto sertão, destituir-se de sua sertanidade), e nesta lógica “desertanizar-se” é vergonhoso.

Para Oswaldo Lamartine de Faria, fora de dadas condições o sertão deixa de ser sertão. A justificativa conservacionista de seus ensaios manifesta claramente a afecção de um ser triste e envergonhado pela percepção de que o desuso de certas “tradições” significa igualmente o enfraquecimento da autoridade dos antigos colonizadores dos sertões cuja genealogia remonta aos seus antepassados; significa o enfraquecimento da autoridade que se promove sobre uma espacialidade construída a partir do “discurso identitário que compõe um lugar geográfico, resultado das narrativas provenientes de organizações familiares” (SANTOS, 2020, p. 369).

O tempo deste sertão, é um tempo em crise. Por um lado, um tempo anacrônico, onde quer se fazer contemporâneo o passado, e por outro lado, um horizonte fechado, um tempo sem futuro, pois o sertão está condenado ao desaparecimento. Deslocado, sentindo-se ameaçado pelo presente histórico em que vive, e projetando ansiosamente expectativas catastróficas, Oswaldo Lamartine manifestará nos artigos, ensaios e entrevistas que publica, as qualidades que estruturam a ordem do tempo que experiencia. Em realidade, a temporalidade que ordena o sertão oswaldiano, é o presentismo (HARTOG, 2014a, p. 14). Presente desde o qual o sertão é observado, registrado, entrevistado, narrado. Presente desde o qual se olha, simultaneamente, para o passado e para o futuro. Presente que expõe anseios, presente que impõe necessidades e, dessa forma, manifesta, mesmo que implicitamente, interesses. Presente que faz usos do passado, que exercita a memória, que convoca a história em auxílio de seus desejos.

## O ensaio etnográfico

Motivado pela resistência da academia ao ensaísmo, “difamado como um produto bastardo”, o filósofo Theodor Adorno (2003, p. 15) reflete sobre as qualidades deste gênero textual em “O ensaio como forma”. A partir de sua problematização, podemos sintetizar certa concepção a respeito do *ensaio* como uma ‘especulação sobre objetos específicos, já culturalmente pré-formados, que não segue as regras do jogo da ciência e da teoria organizadas. Motivada pela espontaneidade subjetiva, dá ênfase à experiência entre o sujeito e o objeto em detrimento de definições conceituais’ (ADORNO, 2003). O ensaio é, por si mesmo, antissistemático, não responde a uma estrutura pré-definida de elaboração e apresentação de seu conteúdo. Isto não significa que o ensaio não tenha compromisso com o conteúdo que enuncia; significa que exige autonomia sobre o modo como o elabora.

Grosso modo, até meados do século XX, em um país de cultura universitária ainda recente, o ensaio foi gênero recorrentemente utilizado para pensar e interpretar os fenômenos históricos e sociológicos envolvendo a sociedade brasileira. O historiador Fernando Nicolazzi, ao conjecturar sobre o gênero ensaístico no Brasil, ressalta que “o ensaio ocorreria como consequência de uma situação em que estão ainda mal definidas, mesmo que em processo de definição, as fronteiras institucionais entre os vários campos de estudo ocupados em pesquisar a realidade nacional” (2011, p. 386). O ensaio ocuparia, portanto, o lugar fronteiro entre as Ciências Sociais, em processo de definição de seus campos. Deste modo, é possível dizer que o ensaio ocupa lugar de significativa importância no pensamento social brasileiro, especialmente na historiografia sertanista, devido a centralidade da categoria *sertão* para a interpretação do Brasil, como aponta a historiadora Janaína Amado:

Está presente desde o século XVI, nos relatos dos curiosos, cronistas e viajantes que visitaram o país e o descreveram. Assim como, a partir do século XVII, aparece nas primeiras tentativas de elaboração de uma história do Brasil [...] No período [...] entre 1870 e 1940, ‘sertão’ chegou a constituir categoria absolutamente essencial (mesmo quando rejeitada) em todas as construções historiográficas que tinham como tema básico a nação brasileira. Os historiadores reunidos em torno do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e identificados com a historiografia ali produzida [...] utilizaram e refinaram o conceito [...] trabalharam, de diferentes formas, com a categoria ‘sertão’. A partir da década de [19]50, o tema não foi mais tão candente entre os historiadores. Permaneceu, entretanto, importante na análise de sociólogos e de alguns poucos antropólogos [...] Vivido como experiência histórica, ‘sertão’ constituiu, desde cedo, por meio do pensamento social, uma categoria de entendimento do Brasil [...] ‘Sertão’ ocupa ainda lugar extremamente importante na literatura brasileira, [...] desde a poesia romântica do século XIX [...] passando pela prosa romântica [...] atingindo enorme importância na literatura realista [...] Paralelamente, ‘sertão’ tem

estado presente em outras artes como a pintura, o teatro, o cinema e, em especial, a música e ocupado espaços amplos nos meios de comunicação, antigos e atuais (AMADO, 1995, p. 146-147).

No estudo de literatura comparada, *Multiplicando Veredas entre Guimarães Rosa e Oswald Lamartine*, Daniel de Hollanda Cavalcanti Piñeiro analisa os regionalismos do romancista e do ensaísta. Mais precisamente quanto à “matéria” do ensaio, o considera um método experimental de reflexão crítica validada pela experiência pessoal que tem a intenção de enunciar verdades sobre determinado conteúdo (PIÑEIRO, 2014, p. 63-65), não teria, portanto, uma forma engessada. Mais especificamente quanto ao universo ensaístico de Oswald Lamartine, Daniel Piñeiro sugere um “ensaio que se pretende maleável, que ‘invade fronteiras’ entre a linguagem científica e literária” (2014, p. 66).

Assim, para além de fronteiras disciplinares entre diferentes campos das Ciências Sociais, o ensaísmo oswaldiano se situaria na fronteira entre a arte e a ciência, um lugar de contato configurado entre literatura regionalista e etnografia, ou ainda, como “experiência dupla: como experiência da vida e como experiência da escrita” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 15). Se, por um lado, Oswald Lamartine recorre às memórias e procura materializar o sertão na linguagem, no próprio vocabulário, por outro lado, ele se decide pelo caminho científico, pelo registro etnográfico, apesar da linguagem poética que lança mão em sua construção narrativa. A pujante subjetividade em sua escrita reflete o anseio etnográfico por definir um sentido de sertão atrelado à certa tradição e crítico da modernidade.

O antropólogo estadunidense James Clifford, tomará a etnografia como foco de suas reflexões “sobre a alegoria etnográfica”. Aqui a etnografia será pensada como

uma performance urdida por histórias poderosas. Embutidas em relatos escritos, essas histórias simultaneamente descrevem acontecimentos culturais reais e a eles acrescentam afirmações morais, ideológicas ou mesmo cosmológicas. A escrita etnográfica é alegórica tanto ao nível de seu conteúdo (aquilo que diz sobre as culturas e suas histórias) quanto de sua forma (aquilo que é implicado por seu modo textual) (CLIFFORD, 2016, p. 152).

A sua proposta de focar na alegoria, “uma representação que ‘interpreta’ a si mesma”, tem como intenção “chamar a atenção para aspectos minimizados na descrição cultural”, ou seja, os significados teóricos, estéticos, morais, associados aos “retratos realistas”, a “descrição” de determinadas culturas (CLIFFORD, 2016, p. 153). Aqui nos interessa destacar, primeiramente, a concepção de que uma etnografia não é “a história” de uma determinada cultura, mas “uma história entre outras”, inclusive, “suscetível a refutações, presumindo-se o acesso ao mesmo reservatório de fatos culturais”

(CLIFFORD, 2016, p. 165, grifo do autor). Em segundo lugar, nos interessa expor um padrão canônico dentre estes modelos alegóricos, “uma estrutura de retrospecto” que Clifford chamou de “pastoril etnográfico”, caracterizado por uma tendência à busca das origens (CLIFFORD, 2016, p. 167) onde “qualidades [desejáveis, consideradas fundamentais] perdidas são textualmente recuperadas” (CLIFFORD, 2016, p. 169).

Esse objeto em processo de desaparecimento da etnografia é, assim, em uma medida significativa, uma construção retórica que legitima uma prática representacional: uma etnografia “de resgate”, em seu sentido mais amplo. O outro está perdido, em um tempo e espaço que se desintegram, mas é salvo no texto. As razões para focar a atenção em um conhecimento que está desaparecendo, para resgatar, sob forma escrita, o saber de anciãos, podem ser fortes (embora isto dependa das circunstâncias locais e não possa mais ser generalizado). Não pretendo, com isso, negar casos específicos de costumes e línguas que estão desaparecendo, ou questionar o valor de registrar esses fenômenos. Questiono, contudo, o pressuposto de que, com uma mudança rápida, algo essencial (a “cultura”), uma identidade diferenciada coerente, se desvaneça. E questiono, também, o modo de autoridade científica e moral associado com uma etnografia de resgate ou redentora. O pressuposto é de que a outra sociedade é frágil e “precisa” ser representada por alguém de fora (e de que o que importa em sua vida é o passado, e não o presente ou o futuro). Aquele que registra e interpreta o costume frágil é guardião de uma essência, testemunha incontestável de uma autenticidade. (Além disso, já que a cultura “verdadeira” já desapareceu, a versão resgatada não pode ser facilmente refutada) (CLIFFORD, 2016, p. 170).

As reflexões propostas por James Clifford chamam a atenção para a necessidade de se assumir a responsabilidade pelas “construções sistemáticas” dos outros e de si mesmo por meio dos outros (CLIFFORD, 2016, p. 180). Sugestões ainda mais valiosas quando tomamos como objeto de análise uma escrita como a de Oswaldo Lamartine de Faria, com fortes elementos autobiográficos. Assim, não se pode perder de vista, ao analisar o ensaísmo oswaldiano, a perspectiva de um projeto literário, uma estratégia escriturística que, não só constrói uma espacialidade, mas que esta construção, em muitos aspectos, reflete a si mesmo.

Durante a primeira metade do século XX, em decorrência do declínio da sociedade patriarcal sob os impactos da modernidade e a complexificação da sociedade de classes no Brasil, cuja dinâmica de desenvolvimento industrial contribuirá para a definição do centro e das periferias nacionais, as elites políticas e intelectuais de todo o país se encontrarão fortemente engajadas na discussão sobre a identidade do “povo”. Esta discussão não está apartada da própria emergência da ideia de Nordeste, uma região que será reconhecida principalmente por uma natureza hostil, marcada pelo domínio do bioma da caatinga e pela ocorrência de secas periódicas, além de uma identidade cultural cuja autenticidade suposta se manifestaria especialmente nas expressões culturais das populações sertanejas. Portanto, no bojo de todo esse processo

histórico emergem um olhar e uma escrita etnográfica interessados em “capturar” o popular.

Parece-me que, contraditoriamente, é justamente no momento em que os grupos sociais começam a se afastar em termos culturais que a percepção desse outro é possível. Enquanto partilhavam de modos de vida, de costumes, de práticas culturais muito próximas, as elites agrárias e seus subordinados não podiam se perceber como pertencendo a culturas distintas. A saída para a cidade, dos filhos destas elites, a urbanização e o letramento tornam-se condições fundamentais para que percebessem o cassaco da usina, o negro velho que lhe serviu de pajem, o vaqueiro, o jangadeiro, o pescador, o comboeiro, como sendo um outro, como sendo parte de uma outra cultura. [...] as transformações subjetivas que estas novas gerações das elites ligadas à terra vão sofrer, em seu contato com a cidade, os levam a se distanciar do antigo universo cultural do qual faziam parte, e podem percebê-lo, nostalgicamente, como sendo aquilo mesmo que dava a eles um lugar, uma identidade, num mundo que estava em declínio. Aquilo que vivem e conceituam como decadência tem como um de seus elementos, exatamente, este distanciamento cultural, subjetivo, em relação ao mundo de seus antepassados, mundo que parece agora sobreviver apenas nas camadas sociais retardatárias, aquelas que, por não terem acesso ao mundo da cidade e das letras, preservam “íntactos” valores, costumes, hábitos, antes partilhados por seus ancestrais (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013a, p. 62).

Oswaldo Lamartine de Faria começa a publicar seus ensaios na década de 1960, quando o discurso folclórico já encontra maior espaço de propagação através de sociedades letradas e institutos de pesquisas e mesmo cadeiras universitárias, mas não deixa de sofrer a influência direta daqueles “pioneiros”, especialmente de Câmara Cascudo (1898 - 1986). Além disso, a sua produção se apresentará, sobretudo, como etnográfica: “Eu apenas tentei fazer um registro de etnografia” (OSWALDO, 2015, 02:38min).

Em seu exercício etnográfico, há também um exercício memorialista. Esta escrita indefinida, que perpassa a etnografia e a memória não deixa de ser constantemente atravessada pela história. Estas representações do passado, tal como Oswaldo Lamartine as constrói, evidenciam a problemática da reivindicação identitária, já discutida pelo filósofo Paul Ricoeur:

[...] percebe-se facilmente quais molas movem os diversos empreendimentos de manipulação da memória. É fácil vinculá-los, respectivamente, aos diversos níveis operatórios da ideologia. No plano mais profundo, o das mediações simbólicas da ação, a memória é incorporada à constituição da identidade por meio da função narrativa. [...] Contudo, é no nível em que a ideologia opera como discurso justificador do poder, da dominação, que se vêem mobilizados os recursos de manipulação que a narrativa oferece. A dominação, como vimos, não se limita à coerção física. Até o tirano precisa de um retórico, de um sofista, para transformar em discurso sua empreitada de sedução e intimidação. Assim, a narrativa imposta se torna o instrumento privilegiado dessa dupla operação. A própria mais-valia que a ideologia agrega à crença oferecida pelos governados para corresponderem à reivindicação de legitimação levantada pelos governantes apresenta uma textura narrativa: narrativas de fundação, narrativas de glória e de humilhação alimentam o discurso da lisonja e do medo. Torna-se assim possível vincular

os abusos expressos da memória aos efeitos de distorção que dependem do nível fenomenal da ideologia. Nesse nível aparente, a memória imposta está armada por uma história ela mesma ‘autorizada’, a história oficial, a história aprendida e celebrada publicamente. De fato, uma memória exercida é, no plano institucional, uma memória ensinada; a memorização forçada encontra-se assim arrolada em benefício da rememoração das peripécias da história comum tidas como os acontecimentos fundadores da identidade comum. O fechamento da narrativa é assim posto a serviço do fechamento identitário da comunidade. História ensinada, história aprendida, mas também história celebrada. À memorização forçada somam-se as comemorações convencionadas. Um pacto temível se estabelece assim entre rememoração, memorização e comemoração (RICOEUR, 2007, p. 98).

Este ‘pacto temível’ nos remete à tese da memória coletiva, desenvolvida pelo sociólogo Maurice Halbwachs, a qual sugere que ‘para se lembrar, precisa-se dos outros’, ou seja, que ao mobilizar uma memória, não estamos sozinhos, que lembranças reais e fictícias, internalizadas por influências de testemunhos diversos, são responsáveis por motivar nossas impressões acerca de algum fato passado (2013, p. 30). Desse modo, memória individual e memória coletiva se interpenetram, fundem-se e fortalecem os alicerces de formações identitárias dos diversos grupos sociais. A experimentação escrita de Oswaldo Lamartine, fazendo usos diversos de testemunhos acerca do passado orientados por certa retórica identitária, permite que seu texto ora se assemelhe com a história, ora se assemelhe com a memória e a etnografia, realizando uma operação que busca aproximar um outro a um semelhante.

Oswaldo Lamartine já praticava anotações etnográficas, em campo, desde, pelo menos, 1944, quando vai morar na zona rural do município de São Paulo do Potengi/RN, na região Agreste do estado, para auxiliar o pai a montar e gerir a Fazenda Lagoa Nova. É nesta oportunidade de gestão na Fz Lagoa Nova que trava contato com aqueles seridoenses mestres de ofícios artesanais, trazidos por Juvenal Lamartine para trabalhar na fazenda, e com os velhos sertanejos que visitam o seu pai e compartilham suas memórias em conversas de alpendre e que figurarão nos escritos oswaldianos.

Será possível notar já em alguns artigos da *fase periodista* da escrita oswaldiana, o entrecruzamento entre os discursos etnográfico e histórico, que reflete o objetivo de traçar uma origem para dados elementos da cultura sertaneja e que arrancam de Gilberto Freyre a indicação do nome de Oswaldo Lamartine como um dos importantes autores para a sistematização do folclore, por sua atenção à “sociologia genética, preocupada com as origens de grupos sociais e dos estudos do folclore” (1948, p. 10). Mas, como mencionado anteriormente, será no período entre 1961 e 1988, já estabilizado no Rio de Janeiro/RJ, que Oswaldo Lamartine de Faria encontrará as condições propícias para publicar a bibliografia ensaísta que o consolidará como erudito sertanista.

Os ensaios *A caça nos sertões do Seridó* (1961), *Algumas abelhas dos sertões do Seridó* (1964) e *Conservação de alimentos nos sertões do Seridó* (1965), publicados na primeira metade da década de 1960, demarcam uma primeira nuance deste período da obra oswaldiana que estamos chamando de *ensaísta*. Em grande medida, apresentam um modelo de exposição muito similar uns aos outros, onde cada capítulo dos ensaios compartimentam uma dimensão discursiva específica à história, à geografia e à etnografia.<sup>5</sup>

Antes de expor a dimensão propriamente etnográfica da pesquisa, onde descreve os modos de fazer que registrou em entrevista aos sertanejos com quem conviveu, Oswaldo Lamartine costuma introduzir seus ensaios com uma apresentação histórica da região do Seridó, tomando como baliza inicial o avanço da colonização dos sertões através da pecuária, processo acentuado após a guerra com os holandeses e motor da “Guerra dos Índios”, vencida pelo colonizador por sua superioridade técnica e tecnológica (arte militar, aço e pólvora). No início do século XVIII, as datas de terra nos sertões da capitania já haviam sido todas doadas aos combatentes das guerras. A partir de então a narrativa se concentra nos dois principais ciclos econômicos (couro e algodão). Ainda dedica espaços à atividade econômica da mineração, em queda vertiginosa, e à tendência leiteira do rebanho seridoense, valorizando os produtos derivados do leite, encerrando a narrativa histórica com um olhar preocupado sobre a modernização e descaracterização do “sertão de agora”. Portanto, essa contextualização histórica costuma seguir um roteiro orientado pelas principais atividades econômicas exploradas ao longo do tempo no Seridó.

A abordagem das questões geográficas do sertão seridoense abarcam dimensões políticas, humanas e naturais. Nela serão listados os municípios que compõe a região, delimitando sua extensão territorial, apontando que representa 18,6% da área do estado do Rio Grande do Norte, e caracterizando-o como uma região predominantemente rural (78,91%). Também toma os dados estatísticos referentes à população para indicar que o Seridó é responsável pela contagem de 14,19% da população do estado, deduzindo que os fatores que ocasionam seu baixo crescimento demográfico são o êxodo sertanejo em direção ao litoral, na década de 1940, devido aos anos de seca e às oportunidades surgidas em Natal/RN por causa da localidade estratégica para a Segunda Guerra, a convocação militar, e ainda o chamado exército da borracha a atrair os sertanejos. A descrição fisiográfica do bioma da caatinga destaca a sua vegetação retorcida e espinhenta, o solo erodido e pedregoso, a alta temperatura e o clima seco, com baixas médias pluviométricas. Aqui, costuma convocar o adagiário, citando uma dezena de

ditados de domínio público, para demonstrar a importância do tema da chuva no cotidiano sertanejo. Descreve ainda o caminho das águas, o percurso dos principais rios que transpassam a região.

O uso destes discursos – histórico, geográfico, etnográfico – pretende constituir de autoridade científica as teses ensaiadas pelo sertanista. Este formato ‘pré-moldado’ dos primeiros ensaios de Oswaldo Lamartine tornarão estas leituras exaustivas pelo aspecto de repetitividade, pois seguindo essa estrutura de apresentação, os conteúdos entre um ensaio e outro diferenciam-se, basicamente, somente no tocante ao objeto etnográfico.

Entre fins da década de 1960 e fins da década de 1970, serão publicados *Encouramento e arreios do vaqueiro do Seridó* (1969) e *Os açudes dos sertões do Seridó* (1978). Aqui será possível perceber outra nuance dentro desta fase ensaísta da produção oswaldiana. Neste período, suas publicações serão editadas por institutos de pesquisas ligados aos poderes estaduais e municipais, são principalmente a Fundação José Augusto (FJA), e as demais instituições a que estão ligadas seu amigo e editor Vingt-un Rosado, quer dizer, a Fundação Guimarães Duque (FGD), a Coleção Mossoroense, e a Fundação Vingt-un Rosado (FVR).<sup>6</sup> Nestas publicações ‘feitas em casa’, Oswaldo Lamartine conseguirá interferir de forma a dar à edição uma versão mais personalizada. Também não teremos mais, a partir daqui, uma tão repetitiva exposição fisiográfica da região do Seridó – esta descrição abarcará apenas um breve trecho dos ensaios –, nem daquele roteiro em que narra uma síntese histórica para o Seridó a partir dos ciclos econômicos do couro, algodão, mineração e bacia leiteira. Neste período, Oswaldo Lamartine alcança sua maturidade estilística. A linguagem literária, de intensa carga poética, e o exercício imaginativo da ficcionalização se tornam uma constante. Não há divisões bruscas que delimitam dimensões geográfica, histórica e etnográfica, como naqueles ensaios da primeira metade da década de 1960. O autor consegue manter-se focado em seu objeto dispensando conteúdos periféricos à exposição do tema central do estudo.

Uma terceira e última nuance da fase ensaística da produção bibliográfica do sertanista pode ser identificada na década de 1980, que renderá para Oswaldo Lamartine a publicação de alguns estudos sobre objetos que lhe eram, até então, inéditos. Quer dizer, sobre os quais não havia tratado em artigos para periódicos, nem mesmo despontado de forma secundária em outros ensaios. Serão os ensaios sobre os ferros de marcar gados das ribeiras do Rio Grande do Norte, sobre a bibliografia que no século XIX circulava nas fazendas da região do Seridó, e sobre a cutelaria produzida nos sertões da caatinga.

Estes estudos foram motivados e/ou realizados com apoio de terceiros. *Ferro de ribeiras do Rio Grande do Norte* (1984) não é uma ideia original do autor, ele “herdou” uma pasta com alguns dados iniciais já coletados pelo agrônomo seu amigo, Guilherme de Azevedo. Já o ensaio *Seridó – séc. XIX: fazendas & livros* (1987), foi escrito em coautoria com o Pe. João Medeiros Filho, um pesquisador amigo com experiência prévia nas temáticas que giram em torno da História intelectual e das secas no Nordeste do Brasil. Enquanto *Apontamentos sobre a faca de ponta* (1988) foi motivado por uma questão etnográfica, sobre as facas de tropeiros produzidas em Sorocaba/SP, que lhe foi remetida em julho de 1977, pelo professor da Universidade do Paraná, Newton Carneiro, que não conseguindo respostas de Câmara Cascudo ao que procurava, foi aconselhado por este, a consultar o sertanista.

Além de objetos inéditos trabalhados em parceria ou motivados por terceiros, esta nuance da *fase ensaísta* diferencia-se das demais pela delimitação dos recortes espaçotemporais das pesquisas. Em dois deles, o recorte espacial não estará mais “restrito” à região do Seridó, expandindo-se para todo o estado do Rio Grande do Norte e sertões da caatinga. Enquanto aquele que se restringe propriamente ao Seridó, “delimita” o recorte temporal do estudo ao século XIX, indicando procedimentos de recortes que, como veremos, não era uma prática muito bem operada por Oswaldo Lamartine.

### *O sertão do Seridó Owasldiano*

Ensaíada a partir de método e estilo próprios, na etnografia praticada por Oswaldo Lamartine é possível observar, quanto à documentação consultada, duas marcas principais: a grande diversidade tipológica das fontes, e a leitura acrítica delas. Neste sentido, para o sertanista, tudo pode se tornar fonte, contudo, a fonte já traz explícita nela mesma aquilo que tem a dizer. Não existe de sua parte maior esforço em realizar a crítica externa das fontes. Também é preciso destacar que, geralmente, as fontes utilizadas pelo ensaísta referentes à região do Seridó, são fontes que lhe são coetâneas, são dados retirados de relatórios econômicos do BNB, ou dos censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dos registros oficiais do Ministério da Agricultura sobre o setor produtivo agropecuário, dos resultados de obras e serviços realizados pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), etc. Fontes históricas como datas de terras, sesmarias, inventários, são sempre recuperadas de forma secundária, ou seja, compulsadas de outros livros que as citaram, e não dizem,

necessariamente, respeito à região do Seridó, muitas vezes tratam-se de fontes cuja espacialidade se refere a região geograficamente aproximada ou historicamente similar, ou mesmo comparável pelo recorte temporal correlato ao que o ensaísta está se dedicando, e não propriamente ao recorte espacial.

Enfim, Oswaldo Lamartine não é um pesquisador de instituições arquivísticas a compulsar vastos volumes de velhas documentações empoeiradas. Ele é, sim, um assíduo frequentador de livrarias, sebos e bibliotecas, principalmente no Rio de Janeiro/RJ; é um leitor voraz e atento, de significativa bagagem bibliográfica, principalmente a bibliografia sertanista referente às regiões do antigo Norte e atual Nordeste do Brasil, mas não só, também conhece bibliografias referentes aos sertões coloniais da atual região Sudeste, dos pampas ao Sul do continente, e do velho Oeste estadunidense; e é ainda um burocrata do alto escalão do estado com conhecimento e acessibilidade às informações produzidas pelos órgãos estatais.

Quanto aos principais procedimentos metodológicos acionados por Oswaldo Lamartine, a ênfase de sua prática etnográfica encontra-se na descrição de um processo de produção artesanal, dos modos de fazer e de viver do sertanejo. É justamente este gesto descritivo, o seu “trabalho de campo”, que, pretende-se, prestará aos seus ensaios o caráter de objetividade mais rigorosa. É aqui que o sertanista dá garantias de narrar tudo, “tim-tim por tim-tim”. Geralmente, Oswaldo Lamartine realiza essa descrição acompanhando e/ou entrevistando um mestre de ofício. Seus ensaios de maior repercussão são aqueles em que registra os modos de fazer dos artesãos seridoenses sobre a caça, a pesca, a construção de açudes, e o trabalho com couro. Apesar dos homens consultados serem sertanejos seridoenses, esses registros foram realizados na Fazenda Lagoa Nova, situada na região Agreste do estado do Rio Grande do Norte, quando os homens estavam subordinados ao jovem agrônomo, administrador da propriedade de seu pai. Portanto, o Seridó oswaldiano vai sendo construído atravessado por diversas distâncias: a distância do registro etnográfico, realizado na região Agreste durante a década de 1940; a distância de muitas fontes históricas que não se referem propriamente ao sertão seridoense; e ainda a distância da escrita, marcada indelevelmente pelo afeto da saudade, que se dá na biblioteca de seu apartamento no Rio de Janeiro/RJ.

Contudo, o registro etnográfico dos ensaios oswaldianos não se dão unicamente pelo trabalho de campo. Em *Apontamentos sobre a faca de ponta* (FARIA, 2006), as informações sobre a etnografia da cultura da cutelaria são compulsada em outra pesquisa sobre o artesanato cearense. Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica.

Oswaldo Lamartine de Faria consegue ainda se corresponder por cartas com Waldemar Torquato dos Santos, um artesão residente em Campina Grande/PB, que presta depoimento às questões colocadas pelo próprio sertanista. Já em *Ferro de ribeiras do Rio Grande do Norte* (FARIA, 2009), a fonte que lhe informa sobre a fabricação do ferro de marcar é ocultada, mas apesar disso, o escritor desenvolve uma minuciosa descrição do processo.

Quando o sertanista resolve fazer uso do questionário, geralmente é enviado para órgãos da administração pública e/ou correspondentes sertanejos, e/ou pesquisadores eruditos de seu círculo de sociabilidades que já desenvolveram algum trabalho relacionado ao tema/objeto em que está interessado. É comum também a troca de correspondência com outros pesquisadores lançando questões pontuais, os mais correntemente requisitados são Câmara Cascudo, Hélio Galvão, Olavo de Medeiros Filho e Vingt-un Rosado.

No quesito referente à pesquisa bibliográfica não há limitações para Oswaldo Lamartine, qualquer texto que lhe caia em mãos – de ficção ou não-ficção, oriundo de fonte oficial ou informal – pode vir a ser utilizado como fonte caso apresente alguma informação que lhe interesse para a composição de seu ensaio – em relação a este aspecto, qualquer um de seus ensaios, sem exceção, pode ser tomado como exemplo.

A construção de sentido para seus ensaios segue um padrão regular. Em todos os ensaios, seu objeto de pesquisa tem uma origem remota a ser descoberta, seja em um tempo imemorial, ou vagamente delimitado, como na Pré-história ou Antiguidade – exceto em *Seridó, séc. XIX: fazendas & livros* (1987), cujo recorte temporal já vem pré-estabelecido desde o título, talvez a exceção se deva ao fato do ensaio em questão ter sido construído a quatro mãos, em pareceria com o Pe. João Medeiros Filho, pois precisar um recorte temporal não é característico do *métier* oswaldiano. Apesar da distância, é possível desenvolver um processo de historicidade pretensamente continuada do objeto, desde o espaço-tempo mais remoto até a contemporaneidade. Esta historicização será responsável por dotar seu objeto da qualidade de ancestralidade. Porém, enfatiza a especificidade etnocultural que diferencia a cultura sertaneja de outras culturas, demarcando uma tradição própria do sertão. E ainda que construa um processo histórico para o seu objeto, recusa uma teleologia do progresso como um processo progressivamente evolutivo dotado de positividade, tal como entendida no século XIX. Assim, este objeto singular estaria correndo riscos de extinção ou já caíra em desuso devido o avanço da modernização das técnicas e tecnologias que alcançam os sertões. Logo, o seu registro etnográfico das culturas artesanais produzidas no Seridó seria um

esforço de preservação da memória destes aspectos da cultura material da antiquíssima tradição do sertão do criatório.

Em consequência da busca por uma origem longínqua para o seu objeto, os recortes espaciotemporais apresentam, de certo modo, pretensões “universais”, no sentido que partem desde tempos imemoriais, ou da Pré-história ou Antiguidade até a contemporaneidade, nos sertões do Seridó – o que em alguns casos soam como um típico mito de origem. A imprecisão do recorte espaciotemporal é uma característica da falta de rigor na escriturística oswaldiana, é bem complicado tentar delimitar com precisão um recorte temporal em seus textos, pois diferentes temporalidades estão constantemente sendo relacionadas. A conexão entre esse recorte universal do objeto, sua origem remota, e a historicidade contínua daquele passado atemporal até o seu próprio testemunho na contemporaneidade conforma o sentido histórico nos textos de Oswaldo Lamartine de Faria.

Quanto à espacialidade, apesar de dar ênfase à região do Seridó, em nenhum de seus ensaios as fontes dizem respeito somente a ela, sempre há referência à outras espacialidades, no intuito de realizar comparações que evidenciem singularidades ou similaridades entre elas, o que significa que em muitos casos, na falta de fontes sobre a região do Seridó, informações referentes a outras espacialidades são assumidas como válidas também para a região do Seridó através da comparação por similaridade.

Em termos etnológicos, esta composição tão diversa enfraquece a tentativa de “representar o que seria a cultura típica, a cultura que revelaria a identidade de dado recorte espacial” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013b, p. 108), ou seja, coloca em questão a suposição de singularidade de uma “cultura seridoense”. Em termos de conhecimento histórico, este é necessariamente lacunar, isto não é uma característica específica do ensaio oswaldiano. É a forma de lidar com estas lacunas que merecem as ressalvas do trabalho de análise historiográfica. As lacunas provenientes de todas essas distâncias são encobertas pelos relatos de memórias de velhos sertanejos, pelos indícios que a memória coletiva oferece no adagiário, pelas representações das ficções poéticas, fazendo com que o Seridó oswaldiano seja tecido por fios de diferentes texturas, constituindo uma tessitura sintética sofisticada. Dessa forma, delimitar com precisão o território administrativo, descrever com minúcias a fisiografia da região, prestar testemunhos pessoais de quem viu e tomou nota “tim-tim por tim-tim” daquilo que narra, servem como recursos retóricos que buscam reforçar a ambição veritativa de seus ensaios.

Observar com atenção as fontes utilizadas por Oswaldo Lamartine, na intenção de triangulá-las, mostra-se um exercício bastante útil na verificação da imprecisão espaciotemporal típica de seu procedimento de pesquisa. Todos estes apontamentos sobre fontes e metodologias servem para chamar a atenção para o fato de que apesar de operar com método, este não é, necessariamente, suficiente para dar garantias de validade acerca do conhecimento que produz (ARÓSTEGUI, 2006, p. 419).

O caráter experimental de suas operações continua no momento propriamente da representação escriturária. Os pressupostos da representação em Oswaldo Lamartine são a flexibilidade da escrita e da forma. Algo já explícito na fase periodista, por exemplo, no artigo “Sugestões para divulgação da literatura técnica”, publicado na *Revista Bando* (1955), onde Oswaldo Lamartine defende a representação de conhecimentos técnico-agrônomo voltados para o público agricultor através da literatura de cordel, e favorecido pelo ambiente de institucionalização científica ainda primário nos órgãos através dos quais publicou seus ensaios.

A linguagem narrativa próxima da oralidade – recurso característico em ficções regionalistas, utilizado na intenção de prestar maior realismo à obra – é outro aspecto que contribui para a construção de uma dada imagem do Seridó no ensaísmo oswaldiano. O uso do “vocabulário do criatório” provoca um efeito de aproximação entre narrador e leitor. O uso do adagiário popular ou dos versos da literatura de cordel a partir do qual desenvolve seus argumentos ao mesmo tempo em que seduz o leitor, exerce concomitantemente funções estética e indiciária. Toda a *fase ensaísta* do escritor reflete esses pressupostos.

Um exemplo pode ser encontrado no ensaio *A caça nos sertões do Seridó*, onde o sertanista parte do mote de cordel “Bote no chão que eu amarro / Derrube que eu faço esteira” para defender o argumento de que nos sertões a escravidão tinha uma face mais humanitária por aproximar senhor e escravo na labuta cotidiana, “toda uma tradição de vida e trabalho que se formava sem o elo hierárquico do feitor dos engenhos de cana”:

Viviam assim os primeiros criadores apoiados em pleno ciclo do couro, onde o trabalho de todos os dias mais argamassava as relações entre o marinheiro colonizador e os primeiros escravos levados para a vaqueirice. Cedo tomaram das mesmas véstias. “Sinhô” e escravo campeando juntos, correndo os mesmos riscos, negro correndo ao boi e “sinhô” fazendo esteira, no gesto de ajuda mais tarde cantado na literatura de cordel: “*Bote no chão que eu amarro / Derrube que eu faço esteira*”... “Sinhô” derrubando e negro enchocalhando. “Sinhô” segurando o cabresto para negro esbrabejar poldros. Um segurando o laço para o outro desleitar a novilha parida. Tomando coalhada da mesma terrina, bebendo água da mesma borracha e comendo paçoca do mesmo alforje. Negro na trilha e “sinhô” cortando o rastro da onça que estragava a miunça e – quando acuada na furna – negro “alumando” com o murrão para o outro atirar. Negro no cabo da zagaia e “sinhô” no coice

do bacamarte boca de sino. Negro novo, afilhado do “sinhô”, negro velho fazedor de meizinha pra curar dodói de sinhôzinho (FARIA, 2014, p. 11-12, grifos do autor).

Entendemos que apesar dos ensaios oswaldianos não terem propriamente a pretensão de operar de acordo com os procedimentos disciplinares do discurso histórico, eles não deixam de fazer usos da história e de elaborar representações do passado com ambições veritativas. Assim, por exemplo, há um esforço de engrandecer o processo de ocupação dos sertões pelo colonizador, cuja conquista se dará contra a hostilidade das gentes e do meio, construindo uma representação de contornos épicos:

E os brancos lá chegaram, rompendo pelos caminhos das águas – subindo os rios ou a areia deles – de vez que por todos aqueles mundos os cursos d’água apartam nos meses de seca. A marcha, é de se imaginar, era empalhada a cada légua: carnes rasgadas pela flecha do caboclo-brabo ou o espinho da sarjadeira, da jurema, da macambira, da quixabeira, do juazeiro, do cardeiro ou do xiquexique – já que as plantas ali também se defendem; esbarrada pela furada mais venenosa da jararaca e da cascavel ou pela segura da água – escassa, ausente ou salobra a ponto de ‘arripunar’ (repugnar) (FARIA, 2016a, p. 14).

Portanto, são estas as marcas que permitem ao sertanista escrever um sertão do Seridó com uma rubrica própria, escrito desde cima, da perspectiva dos arejados alpendres da casa-grande de fazenda, e à distância de seu gabinete no Rio de Janeiro/RJ, situado na fronteira entre a literatura e a ciência, uma ficcionalização controlada por diferentes níveis de objetividade de suas fontes e de seus procedimentos metodológicos e narrativos, um sertão que carrega essencialismos de um sertão semiárido, rústico e rural, ornado por intensa e sedutora carga afetiva motivada pelas memórias familiares do autor/narrador/personagem, em uma narrativa permeada de valores conservadores que remetem ao regime senhorial do patriarcalismo, enrustidos sob as delícias da prosa regionalista. Assim constrói uma alegoria etnográfica a partir de fontes as mais diversas, e que aponta para um sertão que caminha a passos largos para extinção, como é comum ao discurso folclorizador. Dele, resistem ainda modos de fazer e viver sujeitos ao paliativo registro etnográfico e aos louvados artifícios da memória.

Enfim, para Oswaldo Lamartine de Faria, a escrita etnográfica é um experimento flexível de cabo a rabo; não à toa sua escolha estratégica pelo gênero ensaístico, como forma propícia à adequação de uma escrita autobiográfica, com forte carga subjetiva aliada a um conhecimento técnico e pragmático.

### *Os usos do passado*

Os usos da memória, individual e coletiva, realizados por Oswaldo Lamartine e por diversos outros agentes (individuais, coletivos e institucionais) que contribuíram com a reprodução e monumentalização do autor e sua obra, mobilizando uma certa noção de identidade sertaneja, calcada na invenção de uma tradição colonizadora, possibilitaram o fortalecimento de uma memória patriarcal na historiografia, possível de, hoje, ser entendida como uso “incompetente” da história, por compreender em seu escopo “concepções equivocadas, parcialidade e falta de formação adequada” (BAETS, 2013, p. 22), se levarmos em consideração a “teoria do abuso da História”, do historiador belga Antoon de Baets, a qual afirma que a produção historiográfica incompetente “pode ser bastante distorcida e preconceituosa, porém não é irresponsável nem abusiva na medida em que não ultrapassa o limite moral da desonestidade ou da grave negligência” (2013, p. 22). A teoria proposta sugere que o uso irresponsável e o abuso da história operam em três níveis: heurístico (nível documental, no âmbito dos arquivos), epistemológico (nível teórico ou argumentativo), e pragmático (o próprio trabalho historiográfico). No caso da produção oswaldiana, especialmente o nível que Baets chama de epistemológico abre margem para questionamentos em razão da aplicação lógica e retórica utilizadas em sua análise dos dados (2013, p. 31), como pudemos ver no tópico anterior.

Escritor consagrado por seu estilo narrativo de verve regionalista, Oswaldo Lamartine de Faria dedicou em torno de seis décadas de sua vida a escrever sobre o sertão, e nesse esforço semeou especialmente as páginas de um sertão do Seridó, onde sua biografia atravessou a etnografia por ele realizada e da qual resulta um Seridó propriamente oswaldiano.

Neste sentido, discutimos algumas das condições que moldaram o modo de Oswaldo Lamartine, inserido na crise da modernidade, relacionar-se com o tempo, considerando certos reflexos existenciais manifestos nas páginas do sertão oswaldiano, no que diz respeito à sua política do tempo; ou dito de outra forma, como o modo que o sertanista percebe e se relaciona com o mundo à sua volta reflete-se no modo como opera o tempo do sertão do Seridó, um tempo experienciado como crise, desorientado, anacrônico – ou alocrônico –, e em voltas com a tradição.

Escrever um sertão do Seridó passará por inventar-lhe uma tradição que possa ser também um elogio às suas raízes genealógicas. Assim o passado será recorrentemente usado para pontuar uma dominação política na região, onde romper com este passado

significa romper com a própria condição de existência do sertão. A naturalização de certa ideia de identidade sertaneja busca sustento e legitimidade em uma supostamente remota tradição como forma de agir sobre o futuro, aprisionando-o, domesticando-o, “reafirmando uma tradição necessária e cuja transmissão torna-se condição da própria vida coletiva presente” (GUIMARÃES, 2000, p. s/n). A tradição se constrói através da captura de objetos do cotidiano pelo método de etnologização de certos artífices. O ensaísmo surge aqui como espaço de potencialidade criativa onde cientificismo e ficcionalização encenam a alegoria de um pastoril etnográfico, de um modo de ser e viver sertanejo, seridoense.

Assim, práticas escriturísticas do espaço vão dando forma ao Seridó oswaldiano, seu olhar – desde cima e desde fora – configura uma paisagem natural e social gerida por sua credibilidade política que, “mediante uma ficção de legitimidade, reúne cuidadosamente as relíquias de convicções antigas” (CERTEAU, 1998, p. 278). Oswaldo Lamartine “utiliza a escrita como forma de poder” (HARTOG, 2014b, p. 326), o poder de inventar um outro através da etnografia, um outro em forma de espaço, um espaço afetado por condições naturais e sociais, mas também fortemente afetado pela subjetividade do autor; um outro em forma de sujeito, um sujeito rude, mas habilidoso; um outro em forma de si mesmo, já que o Seridó oswaldiano pressupõe, além do sertão e do sertanejo, também um Oswaldo Lamartine de Faria, um autor/personagem que os narra e a si mesmo narra, como um outro diverso daquele de sua pessoa. Quer dizer, o técnico-agrônomo, alto funcionário do BNB, na maior parte de sua vida residente em uma das maiores metrópoles do país, que fez fama em carreira paralela como escritor, fazendo uso de seu conhecimento especializado em toda a sua vida profissional – ou seja, uma postura propriamente moderna –, surge nos escritos e outras falas públicas como um amante do sertão (desde o berço) e inflexível defensor de rústicas tradições sertanejas ameaçadas pelo desenvolvimento de adventos da modernidade.

Resulta desta escrita indefinida, ensaiada como etnografia e repleta de memórias – que abusam do esforço de naturalização da identidade sertaneja calcada sob valores patriarcais, a vida no criatório rural, e de rusticidade técnica –, uma obra atravessada pela história, uma história em grande medida herdada da historiografia produzida ainda no século XIX, refletindo uma cultura em que o conhecimento histórico era usado para fixar uma memória e legitimar projetos identitários a esta relacionados. Esperamos que esta pesquisa tenha contribuído com a necessária crítica à construção deste Seridó oswaldiano, repleto de interesses questionáveis sob sua forma experimental e suas linguagem e imagens sedutoras.

## Fontes<sup>7</sup>

- FARIA, Oswaldo Lamartine. *Apontamentos sobre a faca de ponta*. Natal: Sebo Vermelho, 2006. [1988]
- FARIA. *Ferro de Ribeiras do Rio Grande do Norte*. Natal: Sebo Vermelho, 2009. [1984]
- FARIA. *Os açudes dos sertões do Seridó*. Natal: Sebo Vermelho, 2012. [1978]
- FARIA. *A caça nos sertões do Seridó*. Natal: Sebo Vermelho, 2014. [1961]
- FARIA. *ABC da pescaria de açudes no Seridó*. Natal: Sebo Vermelho, 2015. [1961]
- FARIA. *Conservação de Alimentos nos Sertões do Seridó*. 3.ed. Natal: Sebo Vermelho, 2016a. [1965]
- FARIA. *Encouramento e arreios do vaqueiro no Seridó*. Natal: Sebo Vermelho, 2016b. [1969]
- FARIA, Oswaldo Lamartine de; LAMARTINE, Hypérides. *Algumas abelhas dos sertões do Seridó: Notas de carregação*. 3.ed. Natal: Sebo Vermelho, 2004. [1964]
- MEDEIROS FILHO, João; FARIA, Oswaldo Lamartine de. *Seridó – século XIX: fazendas & livros*. Rio de Janeiro: FOMAPE, 1987.
- OSWALDO Lamartine: Tinta de pinhão-bravo. Direção: Vilma Vitor Cruz. Produção: NCCEN/UFRN. Roteiro: Humberto Hermenegildo de Araújo; Vilma Vitor Cruz. Natal: TVU; SEDIS; Museu Câmara Cascudo, 2015. DVD (36 min), son., color.

## Referências

- ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: \_\_\_\_\_. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2003. p. 15 – 45.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste, 1920-1950)*. São Paulo: Intermeios, 2013a.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR. *O morto vestido para um ato inaugural: procedimentos e práticas dos estudos de folclore e de cultura popular*. São Paulo: Intermeios, 2013b.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR. Distante e/ou do instante: “sertões contemporâneos”, as antinomias de um enunciado. In: FREIRE, Alberto (org). *Culturas dos sertões*. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 41-58.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR. A infração à ortodoxia: o ensaio como forma. In: \_\_\_\_\_. *O tecelão dos tempos: novos ensaios de Teoria da História*. São Paulo: Intermeios, 2019. p. 13-24.
- AMADO, Janaína. Região, Sertão, Nação. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 145–151, 1995.
- ARÓSTEGUI, Julio. Os instrumentos da análise histórica: o método da historiografia. In: ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru, SP: Edusc, 2006. p. 417 – 463.
- BAETS, Antoon de. Uma teoria do abuso da História. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo (SP), v.33, n.65, p. 17 – 60, 2013.
- CAMPOS, Natércia (org). *Em alpendres d’Acauã: Conversa com Oswaldo Lamartine de Faria*. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC; Natal: Fundação José Augusto, 2001.

- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CERTEAU, Michel de. O ausente da história. In: \_\_\_\_\_. *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 179-188.
- CLIFFORD, James. Sobre a alegoria etnográfica. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George E. (orgs). *A escrita da cultura: poética e política da etnografia*. Rio de Janeiro: ed. uerj; Papéis Selvagens, 2016. p. 151-181.
- FABIAN, Johannes. *O Tempo e o Outro: como a antropologia estabelece seu objeto*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.
- FREYRE, Gilberto. A propósito do folclore. In: *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro/RJ, 9 out. 1948, p. 10.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Usos da história: refletindo sobre identidade e sentido. In: *História em Revista*. Pelotas (RS), vol. 6, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014a.
- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do outro*. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014b.
- MACÊDO, Muirakytan K. de. *A penúltima versão do Seridó: uma história do regionalismo seridoense*. Natal: EDUFRN; Campina Grande: eduepb, 2012.
- NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história: A viagem, a memória, o ensaio: sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- PIÑEIRO, Daniel de Hollanda Cavalcanti. *Multiplicando veredas entre Guimarães Rosa e Oswald Lamartine*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- RICOEUR, Paul. Para uma hermenêutica da consciência histórica. In: \_\_\_\_\_. *Tempo e narrativa: o tempo narrado*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016. p. 352-408.
- ROSADO, Vingt-un. *Conversa sobre a Bastilha*. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado; Coleção Mossoroense, 1995.
- SANTOS, Evandro. Memória, escrita de si e identidade nos sertões: ensaio sobre a busca por novas alteridades nas fronteiras. In: *Projeto História*. São Paulo (SP), v. 69, p. 347-381, set./dez., 2020.

---

<sup>1</sup>Juvenal Lamartine de Faria (1874 - 1956) foi deputado estadual (1906 - 1926), senador (1927) e presidente do estado do Rio Grande do Norte (1928 - 1930), destituído deste cargo – em 5 de outubro pelo levante militar que eclodiria naquele ano após a derrota eleitoral de Getúlio Vargas à presidência da República – e desde então, impedido de atuar nominalmente na política.

<sup>2</sup>A mesorregião potiguar do Seridó, situada no semiárido nordestino, corresponde a um recorte regional historicamente construído, abrangendo atualmente os territórios de vinte e três municípios, incluindo as cidades onde nasceram seus pais e, no passado, chefiaram o coronel Silvino Bezerra de Araújo Galvão (1836 - 1921), seu avô materno, chefe político em Acari/RN; e o tenente-coronel Clementino Monteiro de Faria (1842 - 1822), seu avô paterno, chefe político em Serra Negra do Norte/RN.

<sup>3</sup>Oswaldo Lamartine publicará uma vasta e diversificada obra entre 1945 e 2006. Classifico o conjunto desta produção em três fases: a *fase periodista* (1945-1960), quando sua produção se dá principalmente no formato de artigos através de colaborações e publicações em periódicos; a *fase ensaísta* (1961-1988), período em que publica todos os seus ensaios; e a *fase automonumentalista* (1989-2006), quando se dedica principalmente às publicações de monumentalização de sua própria personagem, onde se destacam suas redes de sociabilidades com outros intelectuais e instituições relacionadas ao universo das letras. Esta categorização busca organizar um panorama generalista para a diversificada obra oswaldiana, destacando as principais qualidades de seus escritos. Contudo, a categorização não deve ser entendida de forma arbitrária, como se o escritor tivesse se dedicado a apenas um formato durante determinado período, a periodização ressalta qualidades em destaques, o que não quer dizer unânimes.

<sup>4</sup>O sertanista faz usos de conhecimentos históricos produzidos por outros autores (pode-se dizer, do arquivo *prefigurado*), e os organiza (*configura*) de forma a construir a historicização de um objeto específico que não aquele trabalhado pelos autores consultados, resulta desta operação um outro dado (*refiguração*), que, naquele contexto, fará as vezes de uma história do sertão do Seridó – independentemente das qualidades desta.

<sup>5</sup>Também publicado neste período, o ensaio *ABC da pescaria de açudes no Seridó* (1961) diferencia-se dos demais citados, em termos de estrutura, devido ao formato abecedário dispensar uma divisão capitular.

<sup>6</sup>Para uma leitura aprofundada sobre como estas instituições (Col. Mossoroense, ESAM, FGD, FVR) constituem o processo de escrita de si de Vingt-un Rosado, com o auxílio da formação de uma “comunidade interpretativa” e de um “círculo de elogios mútuos” dos quais Oswaldo Lamartine de Faria faz parte, ver FERNANDES, Paula Rejane. *A escrita de si do intelectual Jerônimo Vingt-un Rosado Maia: arquivos pessoais e relações de poder na cidade de Mossoró (RN) – 1920-2005*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História social das relações políticas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

<sup>7</sup>Entre colchetes, datas da primeira edição.

Artigo recebido em 15/08/2022

Aceito para publicação em 01/08/2023